

LIÇÃO 8 - As Proposições Modais e Sua Oposição

21a 34 Tendo determinado estas coisas, devemos considerar de que modo as negações e afirmações do possível e do não possível, do contingente e do não contingente, e do impossível e do necessário se relacionam entre si — uma questão de considerável dificuldade.

21a 38 Concedamos que, das enunciações mutuamente relacionadas, as contraditórias são aquelas que se opõem entre si por estarem relacionadas de um certo modo segundo "ser" e "não ser"; por exemplo, a negação de "O homem é" é "O homem não é", e não "O não homem é"; e de "O homem é branco", "O homem não é branco", e não "O homem é não branco". Pois, se isto não é assim, será verdadeiro dizer que "madeira" é homem não branco, uma vez que de qualquer coisa ou a afirmação ou a negação é verdadeira. Ora, naquelas em que "ser" não é a palavra determinante acrescentada, aquilo que é dito no lugar de "ser" efetuará a mesma coisa; por exemplo, a negação de "O homem caminha" será "O homem não caminha", e não "O não homem caminha". A razão, claro, é que não há diferença entre "O homem caminha" e "O homem está caminhando". E, se este é sempre o caso, então a negação de "possível ser" será "possível não ser", e não "não possível ser".

21b 12 Contudo, parece que a mesma coisa é possível ser e possível não ser; pois tudo o que tem a possibilidade de ser cortado ou de caminhar tem a possibilidade de não ser cortado e de não caminhar; e a razão é que tudo o que é possível deste modo não está sempre em ato, e assim a negação também lhe será inerente; pois aquilo que poderia caminhar poderia também não caminhar, e aquilo que poderia ser visto, não ser visto. Mas é impossível que afirmações opostas com respeito à mesma coisa sejam verdadeiras. Portanto, a negação de "possível ser" não é "possível não ser".

21b 19 Pois segue-se do que dissemos, ou que a mesma coisa é afirmada e negada ao mesmo tempo do mesmo sujeito, ou que as afirmações e negações dos modais não são feitas pelo acréscimo de "ser" ou "não ser" respectivamente. Se a primeira alternativa é impossível, a segunda deve obter-se.

1. Agora que tratou das enunciações nas quais algo acrescentado às partes deixa a unidade intacta, por um lado, e a varia, por outro, Aristóteles começa a explicar o que acontece à enunciação quando algo é acrescentado, não às suas partes, mas à sua composição. Primeiro, ele explica a sua oposição; em segundo lugar, trata das consequências da sua oposição, onde diz: *As sequências lógicas resultam dos modais assim ordenados*, etc. Com respeito ao primeiro ponto, ele propõe a questão que pretende considerar e então começa sua consideração onde diz: *Concedamos que, das enunciações mutuamente relacionadas, as contraditórias são aquelas que se opõem entre si*, etc.

Ele propõe que devemos agora investigar o modo como as afirmações e negações do possível e do não possível se relacionam. Ele dá a razão quando acrescenta: *pois a questão tem muitas dificuldades especiais*.

Contudo, antes de prosseguirmos com a consideração das enunciações que são chamadas modais, devemos primeiro ver que existem tais coisas como enunciações modais, e quais e quantos modos tornam as proposições modais; devemos também saber qual é o seu sujeito e o seu predicado, o que é a própria enunciação modal, qual é a ordem entre as enunciações modais e as enunciações já tratadas, e, finalmente, por que é necessário um tratamento especial delas.

2. Podemos falar sobre as coisas de dois modos: de um modo, compondo uma coisa com outra; de outro modo, declarando o tipo de composição que existe entre as duas coisas. Para significar estes dois modos de falar sobre as coisas, formamos dois tipos de enunciações. Um tipo enuncia que algo pertence ou não pertence a algo. Estas são chamadas enunciações absolutas [*de inesse*]; estas já discutimos. O outro tipo enuncia o modo de composição do predicado com o sujeito. Estas são chamadas modais, a partir de sua parte principal, o modo. Pois, quando dizemos: "Que Sócrates corra é possível", não é o correr de Sócrates que é enunciado, mas o tipo de composição que há entre correr e Sócrates — neste caso, possível. Eu disse "modo de composição" expressamente, pois há dois tipos de modo postos na enunciação. Um modifica o verbo, seja com respeito ao que ele significa, como em "Sócrates corre velozmente", seja com respeito ao tempo significado juntamente com o verbo, como em "Sócrates corre hoje". O outro tipo modifica a própria composição do predicado com o sujeito, como no exemplo: "Que Sócrates corra é possível". O primeiro determina como ou quando o correr está em Sócrates; o segundo determina o tipo de conjunção que há entre correr e Sócrates. O primeiro, que afeta a atualidade do verbo, não faz uma enunciação modal. Apenas os modos que afetam a composição fazem uma enunciação modal, sendo a razão que a composição, como forma do todo, contém toda a enunciação.

3. Este tipo de modo, propriamente falando, é quádruplo: possível, impossível, necessário e contingente. O verdadeiro e o falso não são incluídos porque, estritamente falando, não parecem modificar a composição, mesmo que recaiam sobre a própria composição, como é evidente em "Que Sócrates corre é verdadeiro" e "Que o homem é quadrúpede é falso". Pois algo é dito ser modificado no sentido próprio do termo quando é causado a ser de um certo modo, não quando vem a ser segundo sua substância. Ora, quando uma composição é dita ser verdadeira, não se propõe que ela é de um certo modo, mas que ela é. Dizer "Que Sócrates corre é verdadeiro", por exemplo, é dizer que a composição do correr com Sócrates é. O caso é semelhante quando é falso, pois o que é dito é que não é; por exemplo, dizer "Que Sócrates corre é falso" é dizer que a composição do correr com Sócrates não é. Por outro lado, quando a composição é dita ser possível ou contingente, não estamos dizendo que ela é, mas que ela é de um certo modo. Por exemplo, quando dizemos "Que Sócrates corra é possível", não tornamos a composição do correr com Sócrates substancial, mas a qualificamos, afirmando que é possível.

Consequentemente, Aristóteles, ao propor os modos, não menciona de modo algum o verdadeiro e o falso, embora mais tarde infira o verdadeiro e o não verdadeiro, e atribua a razão para isso onde o faz.

4. Uma vez que a enunciação modal contém duas composições, uma entre as partes do que é dito, a outra entre o que é dito e o modo, deve-se entender que é a primeira composição que é modificada, isto é, a composição entre as partes do que é dito, não a composição entre o que é dito e o modo. Isto pode ser visto em um exemplo. Na enunciação modal: "Que Sócrates seja branco é possível", há duas partes: uma, "Que Sócrates seja branco", a outra, "é possível". A primeira é chamada *dictum*, porque é aquilo que é afirmado pelo indicativo, a saber, "Sócrates é branco"; pois, ao dizer "Sócrates é branco", estamos simplesmente dizendo "Que Sócrates seja branco". A segunda parte é chamada modo, porque é o acréscimo de uma restrição.

A primeira parte da enunciação modal consiste em uma certa composição de Sócrates e branco; a segunda parte, oposta à primeira, indica uma composição a partir da composição do *dictum* e do modo. Novamente, a primeira parte, embora tenha todas as propriedades de uma enunciação — sujeito, predicado, cópula e composição — é, em sua totalidade, o sujeito da enunciação modal; a segunda parte, o modo, é o predicado. Em uma enunciação modal, portanto, a composição do *dictum* é sujeitada e modificada; pois, quando dizemos "Que Sócrates seja branco é possível", isso não significa o tipo de conjunção da possibilidade que há com o *dictum* "Que Sócrates seja branco", mas implica o tipo de composição que há das partes do *dictum* entre si, isto é, de branco com Sócrates, a saber, que é uma composição possível. A enunciação modal, portanto, não diz que algo está presente ou não está presente em um sujeito, mas, antes, enuncia um modo do *dictum*. Nem, propriamente falando, compõe segundo o que é significado, uma vez que não é uma composição da composição; antes, acrescenta um modo à composição das coisas. Donde, a enunciação modal é simplesmente uma enunciação na qual o *dictum* é modificado.

5. Porque a enunciação modal tem tudo duplicado, não se deve por isso pensar que ela é múltipla. Ela enuncia um modo de apenas uma composição, embora haja muitas partes dessa composição. Os muitos que concorrem para a composição do *dictum* são como os muitos que concorrem para fazer um sujeito, sobre o qual foi dito acima que não impede a unidade da enunciação. A enunciação "A casa é branca" é também um exemplo disso, pois não é múltipla, embora uma casa seja construída de muitas partes.

6. As enunciações modais são corretamente tratadas depois da enunciação absoluta, pois as partes são naturalmente anteriores ao todo, e o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes. Ademais, uma discussão especial delas era necessária porque a enunciação modal tem suas próprias dificuldades peculiares.

Aristóteles indica em seu texto muitas das coisas que abordamos aqui: a ordem das enunciações modais, quando diz: *Tendo determinado estas coisas*, etc.; quais e quantos modos há, quando os expressa e os enumera; a variação do mesmo modo por afirmação e negação, quando diz: *o possível e o não possível, o contingente e o não contingente*; a necessidade de tratá-los, quando acrescenta: *pois eles têm muitas dificuldades próprias*.

7. Então, ele investiga a oposição das enunciações modais, onde diz: *Concedamos que, daquelas coisas que são combinadas, as contraditórias são aquelas que se opõem entre si por estarem relacionadas de um certo modo segundo "ser" e "não ser"*, etc. Primeiro, ele apresenta a questão e, ao fazê-lo, dá argumentos para as partes; em segundo lugar, determina a verdade, onde diz: *Pois segue-se do que dissemos, ou que a mesma coisa é afirmada e negada ao mesmo tempo do*

mesmo sujeito, etc.

A questão, com respeito à oposição dos modais, é esta: Faz-se uma contradição nas enunciações modais por uma negação acrescentada ao verbo do *dictum*, que expressa o que é; ou não, mas antes por uma negação acrescentada ao modo que qualifica? Aristóteles primeiro argumenta pela parte afirmativa, que a negação deve ser acrescentada ao verbo; depois, ele argumenta pela parte negativa, que a negação não deve ser acrescentada ao verbo, onde diz: *Contudo, parece que a mesma coisa é possível ser e possível não ser, etc.*

8. Seu primeiro argumento é este. Se, das coisas combinadas, as contradições são aquelas relacionadas segundo "ser" e "não ser" (como é claro indutivamente nas enunciações substantivas com um segundo determinante, naquelas com um terceiro determinante e nas enunciações adjetivais) e todas as contradições devem ser obtidas deste modo, a contraditória de "possível ser" será "possível não ser", e não "não possível ser". Consequentemente, a negação deve ser acrescentada ao verbo para obter a oposição nas enunciações modais.

A consequência é clara, pois, quando dizemos "possível ser" e "possível não ser", a negação recai sobre "ser". Consequentemente, ele diz: *Concedamos que, daquelas coisas que são combinadas, isto é, das coisas complexas, as contradições são aquelas que se opõem entre si e que estão dispostas segundo "ser" e "não ser", isto é, em uma das quais "ser" é afirmado e na outra, negado.*

9. Ele prossegue fazendo uma indução, começando com uma enunciação que tem um segundo determinante. A negação de "O homem é" é "O homem não é", na qual o verbo é negado. A negação de "O homem é" não é "O não homem é", pois esta não é a negativa, mas a afirmativa do sujeito infinito, que é verdadeira ao mesmo tempo que a primeira enunciação, "O homem é".

10. Ele continua a indução com as enunciações substantivas que têm um terceiro determinante. A negação da enunciação "O homem é branco" é "O homem não é branco", na qual o verbo é negado. A negação não é "O homem é não branco", pois esta não é a negativa, mas a afirmativa do predicado infinito.

Ora, poder-se-ia pensar que as afirmativas dos predicados finito e infinito são contraditórias, uma vez que não podem ser verificadas da mesma coisa por causa de seus predicados opostos. Para obviar este erro, Aristóteles interpõe um argumento que prova que estas duas não são contraditórias. A natureza das contraditórias, ele raciocina, é tal que ou a asserção, isto é, a afirmação, ou a negação é verificada de qualquer coisa, pois entre as contraditórias não é possível médium algum. Ora, as duas enunciações, que algo "é homem branco" e "é homem não branco", são por si contraditórias. Portanto, são de tal natureza que uma delas é verificada de qualquer coisa. Por exemplo, é falso dizer "é homem branco" da madeira; donde, "é homem não branco" será verdadeiro dizer dela, a saber da madeira, isto é, "A madeira é homem não branco". Isto é manifestamente falso, pois a madeira não é nem homem branco nem homem não branco. Consequentemente, não há contradição no caso em que cada uma é ao mesmo tempo falsa do mesmo sujeito. Portanto, a contradição é efetuada quando a negação é acrescentada ao verbo.

11. Ele continua sua indução com as enunciações que têm um verbo adjetival: *Ora, se o caso é como o enunciamos*, isto é, a contradição é tomada como dito acima, então, *nas enunciações nas*

quais "ser" não é a palavra determinante acrescentada (explicitamente), aquilo que é dito no lugar de "ser" efetuará a mesma coisa com respeito à oposição obtida (isto é, o verbo adjetival que ocupa o lugar de "ser", enquanto a verdade de "ser" está incluída nele, efetua a função da cópula). Por exemplo, a negação da enunciação "O homem caminha" não é "O não homem caminha" (pois esta é a afirmativa do sujeito infinito), mas "O homem não está caminhando". Neste caso, como naquele do verbo substantivo, a negação deve ser acrescentada ao verbo, pois não há diferença entre usar o verbo adjetival, como em "O homem caminha", e usar o verbo substantivo, como em "O homem está caminhando".

12. Então, ele postula a segunda parte da indução: *E, se este é sempre o caso*, isto é, que a contradição deve ser obtida acrescentando a negação a "ser", devemos concluir que a negação da enunciação que afirma "Possível ser" é "possível não ser", e não "não possível ser". O consequente da conclusão é evidente, pois em "possível não ser" a negação é acrescentada ao verbo; em "não possível ser", não o é.

No início deste argumento, Aristóteles disse: *Dessas coisas que são combinadas*, isto é, coisas complexas, *as contradições são efetuadas segundo "ser" e "não ser"*. Ele disse isto em referência à diferença entre coisas complexas e incomplexas, pois a oposição nestas últimas não é feita pela negação que expressa "não ser", mas acrescentando o negativo à própria coisa incomplexa, como em "homem" e "não homem", "lê" e "não lê".

13. Quando ele diz: *Contudo, parece que a mesma coisa é possível ser e possível não ser*, etc., ele argumenta pela parte negativa da questão, a saber, que para obter uma contradição nos modais, a negação não deve ser acrescentada ao verbo. Seu raciocínio é o seguinte: É impossível que duas contraditórias sejam verdadeiras ao mesmo tempo do mesmo sujeito; mas "possível ser" e "possível não ser" são verificadas ao mesmo tempo da mesma coisa; portanto, estas não são contraditórias. Consequentemente, a contradição dos modais não é obtida pela negação do verbo.

Neste raciocínio, a menor é postulada primeiro, com sua prova; em segundo lugar, a maior; finalmente, a conclusão. A menor é: *Contudo, parece que a mesma coisa é possível ser e possível não ser*. Por exemplo, tudo o que tem a possibilidade de ser dividido também tem a possibilidade de não ser dividido, e aquilo que tem a possibilidade de caminhar também tem a possibilidade de não caminhar. A prova desta menor é que tudo o que é possível *deste modo* (como são possíveis caminhar e ser dividido) não está sempre em ato; pois aquele que é capaz de caminhar não está sempre atualmente caminhando, nem aquilo que pode ser dividido está sempre dividido. *E assim a negação do possível também lhe será inerente*, isto é, portanto, não apenas a afirmação é possível, mas também a negação.

Note-se que, uma vez que o possível é múltiplo, como será dito mais adiante, Aristóteles acrescenta explicitamente "deste modo" quando assume aqui que aquilo que é possível não está sempre em ato. Pois não é verdadeiro dizer de todo possível que não está sempre em ato, mas apenas de alguns, a saber, aqueles que são possíveis do modo como caminhar e ser dividido são possíveis.

Note-se também que "possível deste modo" tem duas condições: que é capaz de estar em ato, e que não está sempre em ato. Segue-se necessariamente, então, que é verdadeiro dizer dele

simultaneamente que é tanto possível ser quanto possível não ser. Do fato de que pode estar em ato, segue-se que é possível ser; do fato de que não está sempre em ato, segue-se que é possível não ser, pois aquilo que nem sempre é é capaz de não ser. Aristóteles, então, corretamente infere destes dois: *e assim a negação do possível também lhe será inerente*; e não apenas a afirmação, *pois aquilo que poderia caminhar poderia também não caminhar e aquilo que poderia ser visto, não ser visto*.

A maior é: *Mas é impossível que as contradições com respeito à mesma coisa sejam verdadeiras*. A conclusão final inferida é: *Portanto, a negação de "possível ser" não é "possível não ser", porque são verdadeiras ao mesmo tempo da mesma coisa*.

Em relação a esta parte do texto, tem cuidado para não supor que *possível*, enquanto é um modo, deve ser sempre tomado como possível para uma de duas alternativas, pois se mostrará mais tarde que isto é falso. Se considerares a matéria cuidadosamente, verás que foi suficiente para sua intenção dar como exemplo um modal contido sob os modais do possível, a fim de mostrar que a contradição nos modais não é obtida pela negação do verbo.

14. Aristóteles estabelece a verdade com respeito a esta dificuldade onde diz: *Pois segue-se do que dissemos, ou que a mesma coisa é afirmada e negada ao mesmo tempo do mesmo sujeito*, etc. Uma vez que ele está investigando duas coisas, isto é, se a contradição dos modais é feita pela negação do verbo ou não; e se não é antes pela negação do modo, ele primeiro determina a verdade em relação à primeira questão, a saber, que a contradição dos modais não é feita pela negação do verbo; depois, ele determina a verdade em relação à segunda, a saber, que a contradição dos modais é feita pela negação do modo, onde diz: *Portanto, a negação de "possível ser" é "não possível ser"*, etc.

Donde, ele diz que, por causa do supracitado raciocínio, uma destas duas coisas se segue: primeiro, que ou *a mesma coisa*, isto é, uma e a mesma coisa é dita, isto é, é afirmada e negada ao mesmo tempo do mesmo sujeito, isto é, ou duas contraditórias são verificadas ao mesmo tempo da mesma coisa, como o primeiro argumento concluiu; ou, segundo, que *as afirmações e negações dos modais*, que se opõem contraditoriamente, *não são feitas pelo acréscimo de "ser" ou "não ser"*, isto é, a contradição dos modais não é feita pela negação do verbo, como o segundo argumento concluiu. *Se a primeira alternativa é impossível*, a saber, que duas contraditórias possam ser verdadeiras da mesma coisa ao mesmo tempo, *a segunda*, que a contradição dos modais não é feita segundo a negação do verbo, *deve obter-se*, pois as coisas impossíveis devem ser sempre evitadas. Seu modo de falar aqui indica que há algum obstáculo para cada alternativa. Mas, uma vez que na primeira o obstáculo é uma impossibilidade que não pode ser aceita, enquanto na segunda o único obstáculo é que a negação deve recair sobre a cópula da enunciação se uma enunciação negativa deve ser formada, e isto pode ser feito de outro modo que não negando o verbo do *dictum*, como se mostrará mais tarde, então a segunda alternativa deve ser escolhida, isto é, que a contradição dos modais não é feita segundo a negação do verbo, e a primeira alternativa deve ser rejeitada.